

Este ensaio versa um dos temas que é abordado nas sessões de formação em mediação e que acompanha o mediador ao longo da sua vida profissional: o preconceito. Vou desenvolvê-lo, definindo alguns conceitos do campo da psicologia como *estereótipo*, *protótipo*, *preconceito*, *identidade social*, entre outros, e do campo da cultura como *tradição*, *modernidade* e *pós-modernidade*. Posteriormente tentarei compreender em que medida a psicologia social é condicionada pela experiência e quais as ferramentas ao nosso dispor para podermos compreender melhor e fazer diminuir os fenómenos sociais do *preconceito* e da *discriminação*, melhorando desta forma o desempenho da mediação.

1. Conceitos, estereótipos e protótipos

Se nos perguntarem o que podemos encontrar num supermercado, dificilmente seremos competentes para elencar todos os produtos um a um. Contudo, seremos capazes de nomear algumas das categorias: alimentos, produtos de limpeza e higiene, bebidas, materiais de reparação, condimentos, etc. Usar estas categorias reflete a capacidade de conceptualizar, de usar *conceitos*.

Concepts are mental groupings of similar objects, events, or people. Concepts enable us to organize complex phenomena into cognitive categories that are easier to understand and remember (Murphy, 2005; Connolly, 2007; Kreppner et al., 2011).

Os *conceitos* ajudam-nos a classificar novos objetos com base nas nossas experiências anteriores. Quando na farmácia, com o meu telemóvel antiquado, mas com écran grande, o funcionário tenta em vão fazer avançar a mensagem da receita deslizando o seu indicador no écran, supõe que o meu telemóvel é muito mais moderno, crença provavelmente baseada na sua experiência, que lhe diz que os visores grandes dos telemóveis são agora táteis.

Os psicólogos que estudaram pela primeira vez os processos de conceptualização focaram-se nos conceitos que eram claramente definidos por uma propriedade, ou categoria. Por exemplo, um triângulo equilátero é uma forma fechada que contém três lados iguais. Qualquer objeto com estas características é um triângulo equilátero. Se não tiver, não é equilátero.

Contudo, há outros objetos que são mais ambíguos na determinação da categoria e, por esta razão, mais difíceis de definir. Quando assim é, pensamos em *protótipos*¹. «Prototypes are typical, highly representative examples of a concept that correspond to our mental image or best example of the concept.» (FELDMAN 2014:249) Por exemplo, *peixinhos da horta* – uma iguaria portuguesa, que consiste em fritar feijão-verde, depois de envolto em tempura - são um protótipo, dado que se assemelham a peixe frito, nomeadamente, carapaus ou joaquinzinhos.

¹ Cf. George Lakoff e Mark Johnsen (2003) *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.

Os conceitos ajudam-nos a pensar e a compreender mais rapidamente a experiência. As suposições que fazemos sobre o comportamento das pessoas baseiam-se no modo como categorizamos os comportamentos.

Para além destas categorias, engendramos frequentemente juízos, ou impressões, sobre o aspeto das pessoas. Assim, comportamentos observados e aspeto permitem formar uma opinião simplificada sobre cada pessoa, criando um *estereótipo*, um conjunto de crenças e expectativas sobre um determinado grupo e os seus membros.

Stereotypes grow out of our tendency to categorize and organize the vast amount of information we encounter in our everyday lives. All stereotypes share the common feature of oversimplifying the world: We view individuals not in terms of their unique, personal characteristics, but also in terms of characteristics we attribute to all the members of a particular group. (FELDMAN 2014:596)

2. Preconceitos

Os estereótipos podem conduzir ao *preconceito*, uma avaliação negativa (ou positiva) de um grupo e dos seus elementos. Por exemplo, o preconceito de género ocorre quando se avalia alguém em termos do género e não em termos das características ou habilidades que essa pessoa apresenta. Embora o preconceito possa ser *positivo* – *eu gosto dos brasileiros* -, os psicólogos sociais têm concentrado os seus estudos nas origens do preconceito *negativo* – *eu odeio estrangeiros*. Embora o *preconceito* possa ser multifacetado, ele emana de quatro categorias.

Common stereotypes and forms of prejudice involve race, religion, ethnicity, and gender. Over the years, various groups have been called “lazy” or “shrewd” or “cruel” with varying degrees of regularity by those who are not members of that group. (FELDMAN 2014:597)

Agir frequentemente com base em estereótipos pode levar à *discriminação*, que é um comportamento dirigido aos indivíduos que pertencem a um determinado grupo social. A *discriminação* leva à exclusão nos empregos, nas zonas de habitação, ou nas oportunidades educativas, entre outras, e pode resultar em baixos salários e menores benefícios para os membros dos grupos categorizados dentro de um determinado estereótipo. Contudo, a *discriminação* também pode resultar no favorecimento de determinados grupos.

Num estudo² levado a cabo por Derek Avery, Patrick McKay e David C. Wilson, intitulado «What are the Odds? How Demographic Similarity Affects the Prevalence of Perceived Employment Discrimination» e publicado no Journal of Applied Psychology em 2008, concluiu-se que a prevalência de sentimentos discriminatórios nos locais de trabalho era maior nas mulheres,

2

https://www.academia.edu/9264967/What_Are_the_Odds_How_Demographic_Similarity_Affects_the_Prevalence_of_Perceived_Employment_Discrimination, consultado a 14.02.2018

mais prevalente nos negros e hispânicos, do que nos homens e na etnia branca, respetivamente. Contudo, quando a hipótese em estudo apresentava o par *supervisor(a) - subordinado(a)* como pertencentes à mesma etnia a perceção de discriminação diminuía substancialmente.

Os estereótipos também conduzem aqueles de que são alvo a comportarem-se de acordo com o estereótipo que lhes é aplicado, chamando-se a este fenómeno social a *self-fulfilling prophecy*, conceito cunhado por Robert Merton, em 1948.

The self-fulfilling prophecy is, in the beginning, a false definition of the situation evoking a new behavior, which makes the originally false conception come true. The specious validity of the self-fulfilling prophecy perpetuates a reign of error. (MERTON 1948:195)

Sabe-se que ninguém nasce a desprezar uma raça, uma religião ou um género. As pessoas aprendem a odiar da mesma maneira que aprendem a ler.

According to *observational learning approaches* to stereotyping and prejudice, the behavior of parents, other adults, and peers shapes children's feelings about members of various groups. For instance, bigoted parents may commend their children for expressing prejudiced attitudes. Likewise, young children learn prejudice by imitating the behavior of adult models. Such learning starts at an early age: Children as young as 6 months judge others according to their skin color, and by 3 years of age they begin to show preferences for members of their own race. (FELDMAN 2014:598)

Os media providenciam informação acerca dos estereótipos, não só para as crianças, mas também para os adultos. Muitos filmes apresentam os personagens italianos como mafiosos, os judeus como banqueiros gananciosos e os afro-americanos como promíscuos e irresponsáveis. Mas também há outros exemplos positivos: *Crosby*, ou a famosa série *ER*, que juntava diferentes etnias a trabalharem em conjunto para o mesmo objetivo, por sinal muito elevado: salvar vidas humanas.

Quando os retratos imprecisos e negativos são tomados como a principal fonte de informação sobre os grupos minoritários, há uma maior tendência para o desenvolvimento e manutenção de estereótipos desfavoráveis.

2.1. Identidade social

De igual modo, a pertença a um determinado grupo ajuda a ampliar o sentimento de autoestima. De acordo com a *teoria da identidade social*, usa-se a associação a um grupo social como fonte de orgulho e autoestima. Henri Tajfel e John C. Turner sustentam que a *teoria da identidade social* promove a autoestima de quem pertence a determinado grupo.

Social groups (...) provide their members with an identification of themselves in social terms. These identifications are to a very large extent relational and comparative: they define the individual as similar to or different from, as "better" or "worse" than, members of other groups. It is in a strictly limited sense, arising from these considerations, that we use the term *social identity*. It consists, for the purposes of the present discussion, of those aspects of an individual's self-

image that derive from the social categories to which he perceives himself as belonging. (TAJFEL e TURNER 2004:376-377)

Contudo, a identidade social produz um resultado infeliz: tende a criar uma visão etnocêntrica do mundo, valorizando os aspetos positivos do grupo a que se está associado e distorcendo os juízos que se fazem sobre outros grupos sociais. Em todo o caso, «neither the observational learning approach nor the social identity approach provides a full explanation for stereotyping and prejudice.» (FELDMAN 2004:598)

2.2. Neurociência social

A mais recente proposta de investigação sobre o *preconceito* é proveniente de uma área gradualmente importante para a psicologia social: a *neurociência social*.

Social neuroscience seeks to identify the neurological basis of social behavior. It looks at how we can illuminate our understanding of groups, interpersonal relations, and emotions by understanding their neuroscientific underpinnings (FELDMAN 2004:599)

Matthew Lieberman levou a cabo um estudo³ sobre a ativação da *amígdala* – uma estrutura cerebral que relaciona as emoções com a aprendizagem de situações emocionalmente relevantes. Na sua pesquisa efetuada com recurso a imagiologia cerebral - nomeadamente Ressonância Magnética, mas não exclusivamente -, o investigador procurou identificar quais as zonas neuronais que se relacionariam com uma reação – negativa ou positiva - perante um determinado estímulo.

In these studies, negative- and positive-attitude objects, such as African American and Caucasian American faces, are shown to individuals as they perform a nonevaluative task (e.g., gender judgments). Typically, the amygdala has been found to be more active to negative-attitude objects than to positive-attitude objects (Cunningham et al. 2003, Hart et al. 2000, Wheeler & Fiske 2005; for review of race-related neuroimaging, see Eberhardt 2005; for race-related electroencephalogram research, see Ito et al. 2006). Phelps et al. (2000) observed that the amygdala response of Caucasian Americans to African American faces was correlated with an implicit measure of racial attitudes but not with an explicit attitude measure (cf. Phelps et al. 2003). Lieberman et al. (2005) found that African American subjects also showed greater amygdala activity to African American faces than to Caucasian American faces, consistent with past findings that African Americans have negative implicit attitudes toward African Americans, in contrast to their positive explicit attitudes toward African Americans (Nosek et al. 2002). Cunningham et al. (2004b) found that the amygdala response to African American faces was stronger when target faces were presented subliminally rather than supraliminally and that the amygdala was the only brain region that showed this pattern of activity. (LIEBERMANN 2007:272/3)

O investigador colocou a hipótese dos participantes negros terem sido expostos ao longo da formação da sua personalidade a mensagens tendencialmente negativas sobre os negros, desenvolvendo neles uma resposta negativa quando observavam uma face negra.

³ [http://www.scn.ucla.edu/pdf/Lieberman%20\(2006\)%20Ann%20Review.pdf](http://www.scn.ucla.edu/pdf/Lieberman%20(2006)%20Ann%20Review.pdf), consultado a 14.02.2018

Face a estes resultados, devemos perguntar se o preconceito pode existir de tal modo dissimulado que não será fácil de detetar? Provavelmente sim, de acordo com as investigações levadas a cabo através do *Implicit Association Test*⁴. O teste baseia-se no facto de quem cresce numa determinada cultura, inconscientemente, aprende a associar qualidades positivas ou negativas a membros de outros grupos e quando estamos perante eles refletimos a nossa cultura sem sequer darmos por isso.

Como podemos reduzir as consequências do preconceito e da discriminação? Para responder a esta questão iremos, antes de mais, refletir sobre a esfera cultural.

3. O campo da cultura

O termo *cultura* é polissémico e tem raiz no Latim. No campo da antropologia, foi primeiramente empregue por Edward B. Tylor⁵ pertencente à escola do evolucionismo social, que o definiu como um conjunto complexo de usos, costumes e hábitos circunscritos. Contudo, revisões posteriores das suas teses tornaram o conceito *cultura* demasiado complexo. Será Clifford Geertz que - em meados da década de 70 do século passado -, dará uma nova definição à *cultura*.

[Firstly] culture is best seen not as complexes of concrete behaviour patterns – customs, usages, traditions, habit clusters – as has, by the large, been the case up to now, but as a set of control mechanisms – plans, recipes, rules, instructions (what computer engineers call «programs») – for the governing of behavior. The second idea is that man is precisely the animal most desperately dependent upon such extra genetic, outside-the-skin control mechanisms, such cultural programs, for ordering his behavior. (GEERTZ 1973:44)

A fronteira entre o que é controlado de modo inato e o que é culturalmente controlado no comportamento humano nem sempre é bem definida. Algumas situações são controladas de forma inata, como o respirar, uma vez que – na maior parte das vezes - não necessitamos de uma aprendizagem. Outras são certamente de natureza cultural: não conseguimos até agora encontrar o fundamento genético para que uns prefiram um planeamento das suas vidas, e outros a deixem correr ao sabor do tempo. A nossa capacidade para falar é inata; a nossa capacidade para falarmos Português é cultural.

As nossas ideias, os nossos valores, os nossos atos, talvez mesmo as nossas emoções, sejam produtos culturais - «products manufactured, indeed, out of tendencies, capacities, and dispositions we were born, but manufactured nonetheless.» (GEERTZ 1973:50)

A cultura tem pois impacto na conceção do homem. Vista como um conjunto de dispositivos simbólicos para o controlo do comportamento, a cultura providencia o elo entre aquilo em que o homem é intrinsecamente capaz de se tornar e o que cada um, individualmente, acaba por ser.

⁴ <https://implicit.harvard.edu/implicit/takeatest.html>, consultado a 14.02.2018

⁵ Cf. Tylor, Edward Burnett (1913). *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. Londres: John Murray

Becoming human is becoming individual, and we become individual under the guidance of cultural patterns, historically created systems of meaning in terms of form, order, point, and direction to our lives. And the cultural patterns involved are not general but specific – not just «marriage» but a particular set of notions about what men and women are like, how spouses should treat one another, or who should properly marry whom; not just «religion» but belief in the wheel of karma, the observance of a month of fasting, or the practice of cattle sacrifice.» (GEERTZ 1973:52)

Como dissemos no ponto 1, categorizar, encontrar categorias, ajuda-nos a pensar e a compreender a experiência. No campo cultural – como vimos, formas de representação da experiência -, apesar da vastidão de subtemas que estuda, também se sistematizam e classificam as diferentes variantes. Por essa razão, há três grandes categorias de representação do mundo. Vamos abordá-las seguidamente.

3.1. Da *tradição* e da *modernidade*

Quando falamos de *tradição* não a estamos a confundir com antiguidade. Esta é um recorte cronológico, enquanto a primeira é da ordem dos modos e estilos de vida, ou da maneira de estar.

Se mencionarmos *modernidade* também não queremos dizer atualidade, que é igualmente um intervalo de tempo do presente. Tal como *tradição*, a categoria *modernidade* denota uma representação do mundo e podemos encontrar mais facilmente a sua manifestação na antiguidade, do que em determinados fenómenos recentes, assim como, ao considerarmos os estilos e modo de vida atuais, a *tradição* pode transparecer mais facilmente do que em alguns estilos de vida do passado. Ou seja, não é o mero retorno aos estilos do passado que categoriza um pensamento tradicional, porque o gosto pelo antigo pode transparecer uma das marcas da *modernidade*.

Tradição e *modernidade* são os «comportamentos e representações do mundo, que podemos observar em qualquer época e em qualquer civilização.» (RODRIGUES 1999:49) Dentro do recorte cronológico há várias antiguidades.

Em função dos seus próprios ideais, considera umas de maneira positiva, como períodos exemplares que servem de modelo a seguir no presente, outras de maneira negativa, como épocas retrógradas a ultrapassar, outras ainda de maneira neutra, como um simples passado que antecedeu o presente. (RODRIGUES 1999:49)

Assim, o que distingue uma da outra não é um excerto histórico, mas maneiras de dar sentido à experiência, de legitimar ações e discursos, de integrar os acontecimentos num todo coerente. Ou seja, são diferentes modos de racionalização da experiência, embora uma não se possa categorizar sem a presença da outra.

3.1.1. *Da tradição*

De uma forma muito sucinta, a representação do mundo caracteriza-se por: 1) encarar o tempo de forma cíclica, evocando reflexos ancestrais e sagrados, religiosamente guardados e transmitidos através de gerações; 2) o pensamento resultar das relações que o homem estabelece entre a totalidade dos fenómenos que integram a experiência humana e as narrativas míticas que as celebrações rituais se encarregam de rememorar, de transmitir e de atualizar; 3) a memória dinâmica ser renovada predominantemente através da expressão oral dos mitos fundadores originários; 4) a oralidade como base da cadeia de transmissão das narrativas míticas; 5) o saber prático, de natureza mágica.

Na *tradição* a individualidade humana diluiu-se na comunidade, organizada em função de normas transmitidas oralmente através de gerações, que obedecem a ciclos determinados por fenómenos naturais, criando condições para que as mudanças culturais sejam quase impercetíveis, senão impossíveis.

3.1.2. *Da modernidade*

A representação do mundo na *modernidade* caracteriza-se por: 1) o tempo ser linear (a.C vs d.C, por exemplo); 2) a escrita ocupar o lugar principal na cadeia de transmissão dos testemunhos históricos; 3) a ideia de progresso; 4) a secularização da experiência moderna; 5) a crítica como fundamento da legitimidade.

Podemos perguntar: será que estes diferentes modos de racionalização ocorrem em todas as civilizações? Assim é. Contudo, foi na Europa que - graças ao desenvolvimento de um pensamento científico nos últimos três séculos -, se assistiu a um progresso acelerado e sistemático de modernização interna, e também a um processo de universalização dos ideais que acompanharam este avanço, que se impuseram a todas as outras civilizações, acabando por estar na origem do colonialismo e na construção do Outro.

Como se não bastasse, também chamámos a este intervalo de tempo *época moderna*, como se antes dele não tivesse havido manifestações de modernidade e se, depois dele, não possamos imaginar outro possível período de modernidade...

Tanto Hegel como Marx acreditavam que a evolução das sociedades humanas não era ilimitada, mas que terminaria quando a humanidade conseguisse atingir uma forma de sociedade que satisfizesse as suas mais profundas e fundamentais aspirações. Os dois pensadores postulavam, pois, um «fim da história»: para Hegel era o estado liberal, enquanto para Marx era uma sociedade comunista. Isto não significava que o ciclo natural do nascimento, vida e morte acabasse, que deixassem de ser publicados. Significava, outrossim, que não haveria mais progresso

no desenvolvimento dos princípios e instituições fundamentais, porque todas as questões verdadeiramente importantes tinham sido resolvidas. (FUKUYAMA 1992:14)

3.1.3. *Da pós-modernidade*

Da ambiguidade e contradições que caracterizam a nossa própria modernidade, resultou, a partir de finais dos anos 70, um movimento de pensamento⁶ que se afirmou como *pós-moderno*, no qual: 1) se perde a noção de continuidade histórica; 2) as narrativas não têm de apresentar um final moralizador, mas ético – a seriação do genoma humano colocou um ponto final quanto às diferenças raciais, por exemplo; 3) os mecanismos de controlo não impõem, comunicam, obrigando ao desenvolvimento da responsabilidade individual perante o Estado e a Comunidade; 4) há lugar à manifestação de desejos subjetivos, de realização individual; 5) os modelos prescritos são substituídos por condutas escolhidas.

4. *Conclusão*

Como vimos, as representações do mundo condicionam a experiência. Assim, podemos imaginar o impacto cultural que o contacto entre a tradição e a modernidade tiveram entre os séculos XV e XX, e que ainda hoje se faz sentir por todo o mundo, na criação e manutenção de estereótipos, preconceitos e discriminações – desde os milhões de escravos africanos aos atentados com base religiosa, para não ser exaustivo.

Talvez a *pós-modernidade* seja a possibilidade de reverter o atual quadro. Os limites normativos da *modernidade* têm sido substituídos pela autorregulação, onde aquilo que era controlado passou a ser comunicado, onde o indivíduo se realiza individualmente, estando menos dependente da moral vigente ao confrontar os binómios *bem-mal* vs *certo-errado*, isto é, o *campo da moral* vs *campo da ética*.

Como reduzir as consequências e os efeitos do preconceito e da discriminação? Será isso possível a uma escala global?

São perguntas para as quais não haverá certezas sobre os resultados a atingir. Contudo, ao desenvolverem-se estratégias, atitudes e programas para aumentar o contacto entre aqueles que são alvo de estereótipos e os que os criam poderá reduzir-se significativamente o grau negativo do estereótipo. (PETTIGREW e TROPP, 2006) A abertura do espaço Schengen permitiu que muitas comunidades vizinhas, mas de culturas e países diferentes iniciassem um contacto mútuo, fazendo diminuir a perceção negativa entre eles. De Espanha chegam-nos anualmente centenas de milhar de turistas, tendo caído em desuso o adágio *de Espanha nem bom vento, nem bom casamento*.

⁶ Cf. Jean François Lyotard, *the Post Modern Condition*, 1979, Manchester: Manchester University Press

Providenciar informação sobre os alvos de preconceito, será provavelmente o meio mais direto para mudar as atitudes discriminatórias. A educação pode levar a um melhor conhecimento sobre as características positivas do grupo discriminado. (BANKS, 2006) Em muitas escolas portuguesas, públicas ou privadas, aproveitam-se os momentos festivos dos membros de cada comunidade minoritária para integrar todos os alunos em práticas culturais, que vão desde expressões artísticas de movimento até ao contacto com diferentes gastronomias.

Incrementar o sentido de pertença social junto das minorias étnicas de estudantes. Os sentimentos de incerteza e de insegurança são comuns nos estudantes que iniciam a sua vida escolar num novo estabelecimento, independentemente do ano que frequentam. Estes sentimentos são francamente ampliados naqueles que pertencem a minorias étnicas, normalmente sujeitas a preconceitos e discriminação. Contudo, as pesquisas efetuadas demonstram que intervenções simplificadas onde se partilha que os sentimentos insegurança e incerteza não lhes são exclusivos, normalmente estes sentimentos diminuem no tempo, aumentando o sentimento de pertença dos que se sentem excluídos. (WALTON e COHEN, 2011)

Legislar eficazmente contra a discriminação pode relembrar as pessoas sobre os valores que elas já têm, relativamente aos princípios de igualdade e tratamento justo. De igual modo, aqueles que ouvem outros a defender publicamente e com vigor atitudes antirracistas, tendem a condenar o racismo. (TROPP e BIANCHI, 2006)

Outras estratégias haverá para implementar e desenvolver, com toda a certeza, tal como este ensaio não pretendeu fechar esta discussão.

No último século pudemos assistir à queda de muitos preconceitos e a uma diminuição substancial da discriminação. Os preconceitos morrem, contudo devagar, não porque valha a pena insistir na sua irracionalidade, mas porque o Conhecimento corta a sua sustentação em certas instituições da sociedade.

Se persistirmos na tendência de encontrar nos padrões do passado o caminho do futuro, talvez valha a pena (re)tomar a sapiência de Tocqueville, que cito de memória: «o que chamamos de instituições imprescindíveis não são mais do que instituições a que nos acostumámos a ter.»

Lisboa, 28.07.2018

Rui Pinto de Almeida

Bibliografia

EVERY, Derek R., Patrick F. McKay e David C. Wilson (2008). *What Are the Odds? How Demographic Similarity Affects the Prevalence of Perceived Employment Discrimination*, in *Journal of Applied Psychology* Copyright 2008 by the American Psychological Association 2008, Vol. 93, No. 2, 235–249.

https://www.academia.edu/9264967/What_Are_the_Odds_How_Demographic_Similarity_Affects_the_Prevalence_of_Perceived_Employment_Discrimination, consultado a 14.02.2018.

BANKS, James A. (2006). *Improving race relations in schools: From theory and research to practice*, in *Journal of Social Issues*, 62, 607–614. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.2006.00476.x/pdf>, consultado a 14.02.2018.

FELDMAN, Robert S. (2015). *Understanding Psychology, 12th Edition*. Nova Iorque: McGraw-Hill Education.

FUKUYAMA, Francis (1992). *O Fim da História e o Último Homem*. Lisboa: Gradiva

GEERTZ, Clifford (1973). *The Interpretation of Cultures, selected essays*. Nova Iorque: Basic Books.

LAKOFF, George, Mark Johnson (1980). *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago press.

LIEBERMAN, Matthew (2007). *Social Cognitive Neuroscience: A Review of Core Processes*, in *Annual Review of Psychology*, 2007, number 58, pages 259–289. [http://www.scn.ucla.edu/pdf/Lieberman%20\(2006\)%20Ann%20Review.pdf](http://www.scn.ucla.edu/pdf/Lieberman%20(2006)%20Ann%20Review.pdf), consultado a 14.02.2018.

LYOTARD, Jean François (1979). *The Post Modern Condition*. Manchester: Manchester University Press

MERTON, Robert K. (1948). *The Self-Fulfilling Prophecy*, in *The Antioch Review*, Summer 1948, Vol. 8, No. 2, pp. 193-210. <http://www.jstor.org/stable/4609267>, consultado a 14.02.2018.

PETTIGREW, Thomas F. Linda R. Tropp (2006). *A meta analytic test of intergroup contact theory*, in *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 751–783. <http://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.90.5.751>, consultado a 14.02.2018.

RODRIGUES, Adriano Duarte (1999). *Comunicação e Cultura, a experiência na era da informação*, 2^a edição. Lisboa: Editorial Presença.

TAJFEL, H., John C. Turner (2004). *The social identity theory of intergroup behavior*, in J. T. Jost & J. Sidanius (Eds.), *Political psychology: Key readings*. New York: Psychology Press.

TROPP, Linda. R., Rebecca A. Bianchi, (2006). *Valuing diversity and interest in intergroup contact*, in *Journal of Social Issues*, 62, 533–551. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.2006.00472.x/abstract>, consultado a 14.02.2018

TYLOR, Edward Burnett (1913). *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. Londres: John Murray

WALTON, Gregory. M., Geoffrey L. Cohen (2011). *A brief social-belonging intervention improves academic and health outcomes of minority students*. *Science*, 331, 1447–1451. <http://science.sciencemag.org/content/331/6023/1447>, consultado a 14.02.2018.